



JESUÍTAS BRASIL

Cadernos  
***IHU ideias***

ISSN 1679-0316 (impresso) | ISSN 2448-0304 (on-line)

Ano 20 | nº 332 | vol. 20 | 2022

**Juventudes e as “novas” expressões  
da participação na política**

**Flávio Munhoz Sofiati**

Cadernos  
***IHU ideias***

ISSN 1679-0316 (impresso) | ISSN 2448-0304 (on-line)

Ano 20 | nº 332 | vol. 20 | 2022

**Juventudes e as “novas”  
expressões da participação na  
política**

**Flávio Munhoz Sofiati**

Doutor em sociologia pela Universidade de São Paulo - USP e professor dos Programas de Pós-graduação em Sociologia e Antropologia Social da Universidade Federal de Goiás - UFG



INSTITUTO  
HUMANITAS  
UNISINOS



UNISINOS

Cadernos IHU ideias é uma publicação periódica e digital do Instituto Humanitas Unisinos – IHU que apresenta artigos produzidos por palestrantes e convidados(as) dos eventos promovidos pelo Instituto, além de artigos inéditos de pesquisadores em diversas universidades e instituições de pesquisa. A diversidade transdisciplinar dos temas, abrangendo as mais diferentes áreas do conhecimento, é a característica essencial desta publicação.

## UNIVERSIDADE DO VALE DO RIO DOS SINOS - UNISINOS

Reitor: Sérgio Mariucci, SJ  
Vice-reitor: Artur Eugênio Jacobus

## INSTITUTO HUMANITAS UNISINOS - IHU

Diretor: Inácio Neutzling, SJ  
Diretor-adjunto: Lucas Henrique da Luz  
Gerente administrativo: Nestor Pilz

ihu.unisinos.br

### Cadernos IHU ideias

Ano XX – Nº 332 – V. 20 – 2022

ISSN 2448-0304 (on-line)

**Editor:** Prof. Dr. Inácio Neutzling, SJ – Unisinos

**Conselho editorial:** Bel. Guilherme Tenher Rodrigues; Dra. Cleusa Maria Andreatta; Dr. Lucas Henrique da Luz; Dra. Marilene Maia; Dra. Susana Rocca; Dr. Ricardo de Jesus Machado.

**Conselho científico:** Adriano Naves de Brito (Unisinos, doutor em Filosofia); Angelica Massuquetti (Unisinos, doutora em Desenvolvimento, Agricultura e Sociedade); Berenice Corsetti (Unisinos, doutora em Educação); Celso Cândido de Azambuja (Unisinos, doutor em Psicologia); César Sanson (UFRN, doutor em Sociologia); Gentil Corazza (UFRGS, doutor em Economia); Suzana Kilpp (Unisinos, doutora em Comunicação).

**Projeto Gráfico:** Ricardo de Jesus Machado

**Responsável técnico:** Guilherme Tenher Rodrigues

**Imagem da capa:** PxHere

**Revisão:** Pedro Henrique Barbosa de Brito

**Editoração:** Guilherme Tenher Rodrigues

Cadernos IHU ideias / Universidade do Vale do Rio dos Sinos, Instituto Humanitas Unisinos.  
– Ano 20. São Leopoldo: Universidade do Vale do Rio dos Sinos, 2003- .v. 20.  
Publicado também on-line: <<http://www.ihu.unisinos.br/cadernos-ihu-ideias>>.  
Descrição baseada em: Ano 1, n. 1 (2003); última edição consultada: Ano 19, n. 326 (2021).  
ISSN 2448-0304  
1. Sociologia. 2. Filosofia. 3. Política. I. Universidade do Vale do Rio dos Sinos. Instituto Humanitas Unisinos.

Bibliotecária responsável: Carla Maria Goulart de Moraes – CRB 10/1252

As posições expressas nos textos assinados são de responsabilidade exclusiva dos autores.

Instituto Humanitas Unisinos – IHU  
Universidade do Vale do Rio dos Sinos – Unisinos  
Av. Unisinos, 950, 93022-750, São Leopoldo/RS, Brasil

# Juventudes e as “novas” expressões da participação na política

Flávio Munhoz Sofiati

**RESUMO:** O texto apresenta elementos para o debate acerca das formas de participação juvenil na contemporaneidade. Toma-se como referência três pesquisas quantitativas de âmbito nacional e uma pesquisa qualitativa nacional, priorizando a apresentação dos dados de um contexto local. Objetiva-se, com o cotejo das pesquisas, a análise das ferramentas de organização utilizadas pelas novas gerações em vista das lutas por direitos no Brasil. Entende-se que parte da juventude tem se distanciado das formas tradicionais de militância e forjado outros modelos de participação política por meio da ação direta. O exemplo apresentado diz respeito à ocupação das escolas secundaristas promovida pela unidade geracional progressista da juventude brasileira.

**PALAVRAS-CHAVE:** Juventudes. Participação política. Direitos.

# Youth and “new” expressions of political participation

Flávio Munhoz Sofiati

**ABSTRACT:** This article presents elements for the debate about the forms of youth participation in contemporary times. Three national quantitative surveys and one national qualitative survey are used as a reference, prioritizing the presentation of data from a local context. The objective, with the comparison of research, is to analyze the organizational tools used by the new generations in view of the struggles for rights in Brazil. It is understood that part of the youth has distanced itself from traditional forms of militancy and forged other models of political participation through direct action. The example presented concerns the occupation of secondary schools promoted by the progressive generational unit of Brazilian youth.

**KEYWORDS:** Youth. Political participation. Rights.

# Juventudes e as “novas” expressões da participação na política

Flávio Munhoz Sofiati

Doutor em sociologia pela Universidade de São Paulo - USP e professor dos Programas de Pós-graduação em Sociologia e Antropologia Social da Universidade Federal de Goiás - UFG

## INTRODUÇÃO

Este breve texto<sup>1</sup> tem como objetivo apresentar elementos pontuais da realidade juvenil brasileira no que concerne às suas formas de organização. Vislumbra-se colaborar com a compreensão acerca das ferramentas de lutas, em vista da defesa de direitos, utilizadas pelas juventudes na contemporaneidade. A proposta é dialogar sobre as “novas” expressões de participação na política, ou seja, discutir as tendências predominantes nas maneiras de se organizar da/o jovem neste início de século XXI. Defende-se a tese de que parte da juventude tem forjado outras formas de

---

1 Agradeço aos comentários de Maria Carolina Giliolli Goos, Luís Antonio Groppo e Letícia Lemes Scalabrini.

participação, distanciando-se dos modelos tradicionais predominantes nas gerações anteriores.

É importante frisar que na condição de sociólogo e defensor da tese de que as/os jovens são sujeitos de direitos (Souza et. al., 2016), escreve-se a partir da sociologia da juventude (Pais, 1993; Groppo, 2017) em interface com a militância em defesa dessa categoria social (Sofiat, 2013). Nesse sentido, faz-se necessário informar sobre a atuação, seja no âmbito da academia, no Observatório Juventudes na contemporaneidade<sup>2</sup>, seja na sociedade, no CAJUEIRO - Centro de Formação, Assessoria e Pesquisa em Juventude<sup>3</sup>, ambos sediados na cidade de Goiânia-GO. Além disso, atualmente exerce-se a função de vice-presidente da REDEJUBRA - Associação Nacional Rede de Pesquisadores e Pesquisadoras da Juventude Brasileira<sup>4</sup>.

Essa dupla pertença tem influenciado na escolha dos referenciais para os estudos da temática, sendo determinantes as obras de Mannheim (1968), Foracchi (1972) e Groppo (2000). Assim, entende-se a juventude a partir de três categorias: a) etapa da vida: compreendida por uma faixa etária variável conforme a realidade social no qual a/o jovem está inserida/o, sendo no caso brasileiro de 15-29 anos, subdividido em 15-17 jovens-adolescentes, 18-24 jovens-jovens e 25-29 jovens-adultos (Silva, Silva, 2011); b) estilo de existência: cujas formas de vestimenta, comportamento social, postura corporal, estrutura de fala e vocabulário específico, entre outros, definem essa categoria social; c) força social renovadora: que não significa necessariamente que

2 Disponível em: <https://www.observatoriojuventudes.com.br>. Acesso em 30/01/2021.

3 Disponível em: <https://cajueiro.org.br>. Acesso em 30/01/2021.

4 Disponível em: <https://www.redejubra.com.br>. Acesso em 30/01/2021.

a juventude é revolucionária por natureza, mas carrega um olhar diferenciado das outras gerações com potencialidades de mudanças sociais que podem ser progressistas ou não. Assim, a juventude é entendida, paradoxalmente, como *elo* e *transição* entre as gerações, pois mesmo inserida em um contexto social determinado, está propensa a interpretá-lo de forma diferente dos adultos a partir de sua participação marginal.

Diante deste olhar social e sociológico acerca das/os jovens, o texto está organizado em duas partes. Inicialmente, apresenta-se três pesquisas quantitativas acerca da juventude brasileira em diálogo crítico no que concerne à participação juvenil. Em seguida, discute-se a questão da participação por meio dos dados qualitativos de uma pesquisa nacional<sup>5</sup> sobre as ocupações secundaristas de 2015 e 2016, considerando as informações sobre Goiânia (Sofiat, Marques, Ferreira, 2021) que convergem com a realidade nacional (Costa, Groppo, 2018).

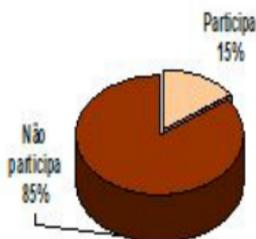
## CONTEXTUALIZAÇÃO DA PARTICIPAÇÃO

Assume-se como referência quantitativa três pesquisas nacionais que retratam a realidade social da juventude brasileira. O interesse aqui diz respeito às informações acerca da participação juvenil ao longo dos últimos 20 anos. A primeira pesquisa, intitulada “Perfil da Juventude Brasileira”, foi coordenada pela Fundação Perseu Abramo (2003). A segunda é a pesquisa “Agenda Juventude Brasil”, conduzida pela SNJ - Secretaria Nacional de Juventude (2013). E a terceira é a “Pesquisa juventudes no Brasil”, articulada pela Fundação SM e Observatório da Juventude na Ibero-5 O conteúdo da pesquisa está disponível em: <https://www.unifal-mg.edu.br/ocupacoessecundaristas/>. Acesso em 30/01/2021.

-américa (2021).

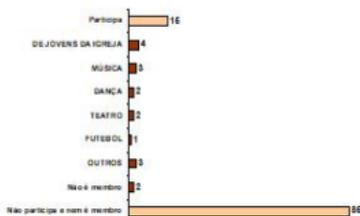
A pesquisa de 2003 aponta que naquela época havia uma baixa participação das juventudes na sociedade brasileira, apenas 15%, conforme o Gráfico 1, sendo que predominava a participação em igrejas e grupos culturais entre as atividades nas quais as/os jovens mais atuavam (Gráfico 2).

Gráfico 1- Participação em grupos de jovens



Fonte: PERFIL DA JUVENTUDE BRASILEIRA (2003)

Gráfico 2 – Atividade dos grupos dos quais participa



Fonte: PERFIL DA JUVENTUDE BRASILEIRA (2003)

Entende-se que, apesar de se tornar referência nos estudos de juventudes, a pesquisa da Perseu Abramo não soube localizar as novas formas de participação da juventude, que já naquele momento se tornaram mais fluidas, provisórias e tematizadas, diferente da lógica presente nos partidos políticos, associações, movimentos sociais, sindicatos e entidades de classe, por exemplo. Em contrapartida, a pesquisa de 2013 da SNJ evidencia alguns traços das tendências de participação das juventudes contemporâneas, suas preferências de organização e estilos de manifestação em defesa de direitos.

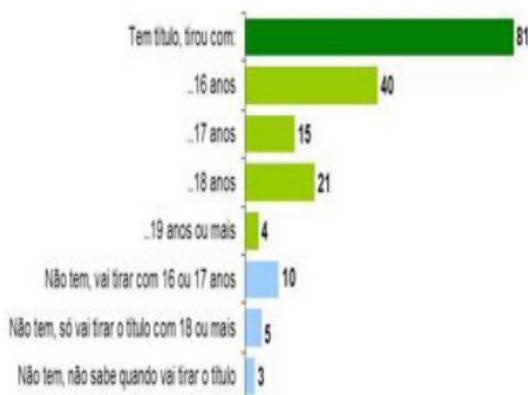
O Gráfico 3 mostra que a maioria das/os jovens entrevistadas/os acha importante a política, e parcela significativa tem predisposição para tirar o título de eleitor antes dos 18 anos, conforme o Gráfico 4. Além disso, estas/es jovens pensam que podem mudar o mundo - a maioria absoluta acredita nisso - e uma parcela considerável pensa que essa mudança pode ser radical (Gráfico 5).

Gráfico 3 – Política



Fonte: AGENDA JUVENTUDE BRASIL (2013)

Gráfico 4 – Título de Eleitor



Fonte: AGENDA JUVENTUDE BRASIL (2013)

Gráfico 5 – Jovem pode mudar o mundo



Fonte: AGENDA JUVENTUDE BRASIL (2013)

Portanto, há significativo interesse da juventude para com a política. Todavia, a pesquisa evidencia que os jovens da geração atual optaram por outras formas de organização, em contraste com as predominantes

na segunda metade do século XX. Das cinco principais atuações que entendem que podem melhorar o mundo, “Partidos políticos”, por exemplo, aparece somente na quinta posição, com 30% das respostas, atrás de “Ação direta/rua”, com 45%, em primeiro lugar, seguida de “Coletivos de luta”, 44%, “Conselhos”, 35%, e “Militância virtual” com 34% (Agenda, 2013).

Quando perguntados de qual organização “Nunca participou e nem gostaria de participar”, o “Partido” aparece em primeiro lugar com 88% das respostas, acompanhado de “Movimento”, 81%, “Cooperativa”, 74%, e “Mídias livres”, 66% (Agenda, 2013). É emblemática a altíssima rejeição aos partidos, que são a base fundamental da participação política e da democracia representativa no Brasil. Porém, entende-se que os dados indicam uma crítica incisiva aos modelos de partido presentes hoje no país, na medida em que se tornaram estruturas engessadas para as novas gerações. As juventudes continuam marginalizadas dos processos decisórios dos partidos políticos que, convencionalmente, permitem a presença juvenil em suas instâncias em uma lógica que beira a opressão de geração, isto é, exploram sua mão de obra ao mesmo tempo em que desconsideram suas ideias.

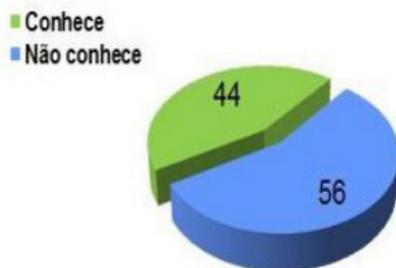
Não obstante, mesmo os partidos de esquerda com forte presença juvenil, como PCdoB, PT e PSOL, são ainda refratários à presença juvenil em suas estruturas de poder e espaços de tomadas de decisão. Por exemplo, nos últimos congressos do PT surtiram pouco efeito as tentativas da juventude petista de ampliação da cota financeira destinada ao setorial ju-

venil para organização das suas lutas, principalmente no movimento estudantil. No PSOL, o atual presidente da sigla é originário do movimento estudantil, mas o partido tem dado pouco espaço para as/os suas/seus jovens em sua cúpula decisória nacional. O PCdoB convencionou historicamente conduzir sua base juvenil, notadamente presente no movimento estudantil, por meio de lideranças adultas estabelecidas.

O distanciamento dos partidos tem aproximado as juventudes de outras instituições. Ao serem perguntados sobre as formas de organização que já haviam “Participado e/ou participam”, o “Grupo religioso” aparece em primeiro lugar com 19% das respostas, seguido de “Associação esportiva”, 18%, “Movimento estudantil”, 17%, e “Grupo Cultural” com 15%, comprovando a manutenção de tendência já encontrada na pesquisa de 2003 da Fundação Perseu Abramo no que concerne ao predomínio das estruturas religiosas e culturais nas formas de organização juvenil deste início de século XXI.

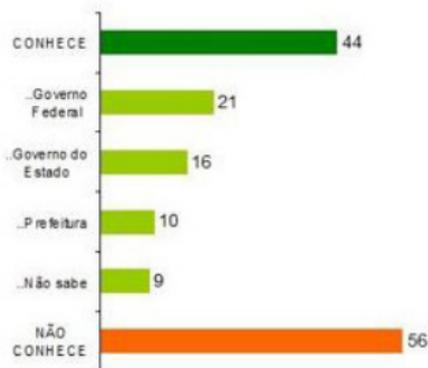
Outro aspecto importante a ser considerado diz respeito ao pouco conhecimento das/os jovens acerca das Políticas Públicas de Juventudes - PPJ, pois a maioria não conhece nenhuma delas e, quando ouviram falar, predominam as que foram promovidas pelo Governo Federal, conforme os Gráficos 6 e 7.

Gráfico 6 – Conhece alguma PPJ



Fonte: AGENDA JUVENTUDE BRASIL (2013)

Gráfico 7 – Qual esfera da PPJ



Fonte: AGENDA JUVENTUDE BRASIL (2013)

Isso demonstra o distanciamento da ação governamental para com essa categoria social e a pouca permeabilidade destas políticas no que diz respeito à melhoria da qualidade de vida juvenil. Nesse sentido, a pesquisa de 2021 da Fundação SM colabora para o entendimento sobre o distanciamento das juventudes das instituições em vistas das mesmas serem cada vez menos espaços de segurança para as novas gerações.

Por exemplo, a Tabela 1 ajuda na compreensão do grau de importância de algumas instituições na vida das/os jovens por meio de vários aspectos presentes no seu cotidiano.

Tabela 1

**Tabela | Qual o grau de importância tem em sua vida cada um dos aspectos**

Muito importante + bastante importante			
FAMÍLIA	99%	IGUALDADE SOCIAL	93%
SAÚDE	98%	OS AMIGOS	88%
EDUCAÇÃO	98%	TEMPO LIVRE/ÓCIO	88%
LEVAR UMA VIDA MORAL E DIGNA	96%	CASAL	85%
MEIO AMBIENTE	96%	PARIDADE DE GÊNERO	85%
SEGURANÇA CIDADÃ	95%	RELIGIÃO	83%
TRABALHO	95%	TER UMA VIDA SEXUAL SATISFATÓRIA	82%
FORMAÇÃO E COMPETÊNCIA PROFISSIONAL	95%	POLÍTICA	60%
GANHAR DINHEIRO	95%		

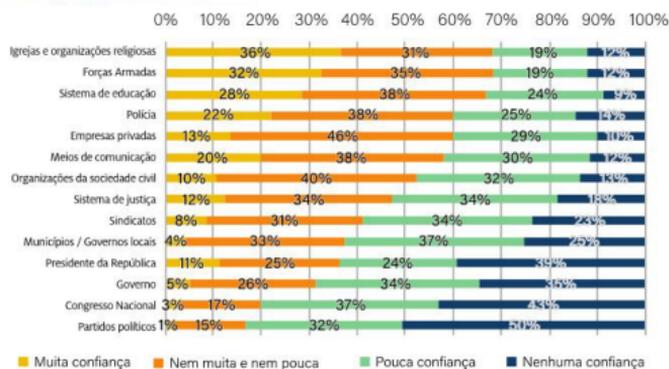
Fonte: PESQUISA JUVENTUDES NO BRASIL (2021)

Observa-se que “Trabalho”, “Ganhar dinheiro” e “Formação e competência profissional” contrastam em grau de importância com a “Política”, evidenciando o nível de privatização da vida presente na sociedade brasileira e a diminuição da importância do ativismo social na vida dos indivíduos. A realidade ofertada pelo sistema societário global, chamado de capitalista, gira em torno da competição, concorrência, concentração de poder e dinheiro, em detrimento da cooperação, participação coletiva, partilha e solidariedade. Entretanto, há aspectos enfatizados pela juventude consultada na pesquisa que demonstram abertura para valores em torno da equidade como “Paridade de gênero” e “Igualdade social”, apontando para as potencialidades das juventudes que podem ser acionadas em vistas de uma política anticapitalista ou pelo menos de uma sociabilidade baseada na igualdade de direitos.

Continuando, o Gráfico 8 trata diretamente do grau de confiabilidade das instituições.

Gráfico 8

Gráfico | *Confiança nas instituições*



Fonte: PESQUISA JUVENTUDES NO BRASIL (2021)

Na medida em que as pesquisas anteriores demonstram a importância das religiões nas formas de organização das/os jovens, o Gráfico acima confirma que as igrejas são as instituições mais confiáveis para as novas gerações, acompanhada das forças armadas e polícia. Os partidos políticos estão entre as instituições de menor confiabilidade juvenil, em confluência com os números das pesquisas de 2003 e 2013 que apresentavam o baixo interesse na participação política partidária das juventudes.

Apesar disso, o Gráfico abaixo, que trata das principais formas de atuação juvenil, ilustra que há certo interesse, mesmo que indireto, pelos partidos políticos, o que pode confirmar a tese de que o distanciamento dos partidos aponta mais para uma crítica da conjuntura partidária do que recusa da participação política.

Gráfico 9

Gráfico | Formas de participação política



Fonte: PESQUISA JUVENTUDES NO BRASIL (2021)

Observa-se que, mesmo com baixa participação e confiabilidade nos partidos políticos, as/os jovens não deixam de votar nas eleições e muitos participam ativamente delas, sendo que, somadas, as opções “Votar nas eleições nacionais”, “Apoiar e difundir campanhas políticas” e “Ter contato com um político” configuram nas principais formas de participação apontada pelas/os jovens entrevistadas/os. Portanto, há presença ativa juvenil nas eleições e, conseqüentemente, na vida política e pública da sociedade brasileira. A atuação no movimento estudantil é também significativa ao se considerar a porcentagem das opções “Votar onde estuda” e “Participar de um centro estudantil”.

Diante do exposto, considera-se que, apesar de importantes por apresentarem dados significativos, as três pesquisas citadas avançam limitadamente no entendimento das “novas” formas de organização das juventudes na contemporaneidade. Defende-se, inclusive, que as metodologias aplicadas levam pouco em

consideração a tendência das formas de organização mais fluídas, provisórias, tematizadas presentes na atualidade no meio juvenil, como o caso das ações diretas que envolvem ocupações de espaços públicos.

Por isso, procura-se complementar o debate com os dados qualitativos da pesquisa nacional sobre as ocupações das escolas, tomando como referência o caso concreto da cidade de Goiânia-GO (Sofiatí, Marques, Ferreira, 2021) e enfatizando os achados do campo que convergem com aqueles encontrados nas análises nacionais (Costa, Groppo, 2018).

## NOVOS MODOS DE ATIVISMO DAS JUVENTUDES

A questão das novas tecnologias de participação política das/os jovens motivou a articulação da pesquisa “Ocupações secundaristas no Brasil em 2015 e 2016: Formação e auto-formação das/dos ocupas como sujeitos políticos”. Financiado pelo CNPq e coordenado pelo professor Luís Antonio Groppo, o estudo produziu análises das ocupações ocorridas no país com a aplicação de um roteiro de entrevistas dividido em quatro temas: trajetória escolar, formação política de origem, contexto organizacional das ocupações e experiência formativa das/os jovens nas ocupações das escolas no Brasil.

O material coletado é rico em informações sobre ativismo social e as ferramentas de luta política experimentadas nos colégios públicos pelas/os ocupas - termo utilizado para identificar as escolas ocupadas e que é utilizado aqui para indicar os sujeitos ocupantes que se reconheciam como “secundas”. Em confluência com a ideia de “unidade de geração” de Mannheim (1978)

e a partir da análise de Corrochano, Dowbor e Jardim (2018) de que houve a constituição de novas unidades geracionais no Brasil, principalmente desde as Jornadas de 2013, entende-se que ocorreu a emergência de uma geração “ocupa” que forma um grupo importante de ser estudado. Dessa forma, essa juventude não representa toda a geração juvenil atual, mas uma unidade progressista que deve ser considerada em vistas de suas novidades.

A pesquisa demonstra que a geração atual, essa unidade geracional mais progressista, forjou outras formas de atuação em vistas da luta por direitos. Elas não “inventaram a roda”, mas ressignificaram experiências presentes em décadas anteriores e deram novo sentido para a ação direta como ferramenta de luta e método de organização política, numa crítica à política institucionalizada.

A experiência de ocupar uma escola possibilitou a aquisição de saberes por meio do conhecer na prática. Foi necessário aprender a se mobilizar coletivamente na articulação interna dos grupos de ocupas para preservar o prédio público, proteger as/os ocupantes, mobilizar os apoiadores externos, se defender da força coercitiva do Estado no ato da desocupação, entre outros. Há concomitantemente um caráter político-social desses saberes adquiridos no envolvimento das diferentes sensibilidades partilhadas entre os indivíduos unidos nas ocupações.

Essa educação na prática formou estas/estes jovens nos temas políticos e sociais, incidindo em muitos casos no conhecimento aprofundado das estruturas da gestão escolar e na tomada de consciência da importância da formação educacional na própria vida. Assim,

esses novos saberes foram geralmente acompanhados do rejuvenescimento do interesse pela educação. Com a ação direta de ocupar escolas, aproximou-se de temas como privatização, terceirização, precarização e, no caso de Goiânia principalmente, militarização dos colégios públicos (Sofiati, Barbosa, 2021).

A ocupação exigia esforço criativo no sentido de garantir uma agenda cotidiana de mobilização que envolvesse atividades culturais, mutirões de limpeza e, às vezes, até mesmo pequenas reformas nos prédios educacionais. Era preciso mobilizar os apoiadores externos, familiares, amigos, grupos sindicais e partidários, lideranças públicas, para a viabilização da alimentação, dos materiais de limpeza, produtos de higiene pessoal, materiais de confecções de cartazes. Tudo isso exigia das/os ocupas mobilização constante e capacidade de articulação política para a garantia da legitimidade e manutenção da luta por direitos.

O ato de ocupar acelerou em muitos casos a consciência social das/os ocupas. As entrevistas de Goiânia (Sofiati, Marques, Ferreira, 2021) mostraram que havia amplo entendimento do contexto turbulento da educação pública, das tensões dos poderes estabelecidos em busca dos recursos públicos da educação, dos interesses dominantes na tentativa de ampliação da privatização do ensino e conseqüente mercantilização da educação formal. A repressão do poder público, que pretendia recuperar as escolas para o seu funcionamento ordinário diante dos extraordinários efeitos políticos produzidos pelas ocupações, foi respondida com ideias e práticas coletivas alternativas: com demonstração de pensar o outro inserido na coletividade por meio de formas de organização democratizantes,

articuladas no interior das escolas. O envolvimento coletivo frequente, a exigência da produção de consenso no dia-a-dia, demandava a formulação de tecnologias de democratização dos processos decisórios. Intensificava-se, assim, os conhecimentos acerca da realidade social e os desejos por outro mundo possível. Trata-se de uma experiência abundante de luta por direitos capaz de ressignificar a vida das/os envolvidos.

Houve a produção de novos saberes permeados pela indignação da condição imposta pelo poder público à educação de base. Essas/esses jovens perceberam com as ocupações o quanto a ausência de políticas públicas de juventude afetavam sua realidade concreta. E as redes virtuais foram aliadas importantes na busca de parcerias externas em vistas da manutenção da luta das/os ocupas. O celular já era um instrumento de comunicação significativo para a concretização das ações diretas possibilitando a circulação de informação entre as/os ocupas e com os apoiadores externos.

Em detrimento da lógica organizativa verticalizada das instituições clássicas de mobilização político-social (partidos, sindicatos, movimentos sociais, por exemplo), buscava-se a horizontalidade nos processos decisórios. Mais trabalhosas em sua efetivação concreta, as decisões coletivas destituídas de hierarquização proporcionaram novas e igualitárias fontes de conhecimento.

Neste contexto, a escola surge como instituição influenciadora da prática social, do ativismo em defesa de direitos. A pesquisa sobre as ocupações aponta para a instituição educacional como a principal transmissora de sociabilidade política, mais do que a família e as igrejas, em contraste com as pesquisas quantitativas

apresentas na primeira parte deste texto. A escola foi identificada nas entrevistas de Goiânia como instituição unânime na linha de influência das/os jovens pesquisadas/os: todas/os as/os estudantes entrevistadas/os enfatizaram o papel crucial da vivência escolar no processo de subjetivação da política (Sofiat, Marques, Ferreira, 2021). Não obstante, a escola foi a instituição escolhida para ser ocupada: sua abertura para as potencialidades emancipatórias das juventudes difere, por exemplo, do contexto rígido das igrejas.

O tema dos partidos políticos foi recorrente nas ocupações. A relação era ora de distanciamento, ora de aproximação pragmática e muitas vezes oportunista por parte das/os ocupantes, visto que o medo da instrumentalização da ocupação pelos partidos era constante, mas a necessidade de aliados exigia essa relação conflitiva. Neste cenário, duas forças políticas emergiram: os autonomistas, defensores do anarquismo e/ou da autogestão; e grupos comunistas de vínculo institucional marginal como, por exemplo, a UJR - União da Juventude e Rebelião, grupo juvenil ligado à UP - Unidade Popular, oficializado recentemente como partido político. A UP não era legalmente reconhecida à época das ocupações, ou seja, era um partido *outsider* do sistema democrático brasileiro.

Nesse sentido, havia a busca por outras formas de institucionalidades menos fixas. As ocupações de 2015 e 2016 foram caracterizadas como outro modelo de fazer política que se distanciou das formas tradicionais presentes nas instituições clássicas, como partidos estabelecidos e sindicatos. Nas incursões sobre o campo no período das ocupações, identificou-se uma significativa hostilidade aos representantes jovens ou adultos

dos partidos políticos estabelecidos, inclusive o PSOL e PT, que foram alternativas de voto “menos ruim” nas eleições 2018 (Sofiat, Marques, Ferreira, 2021).

As/os ocupas entrevistadas/os em Goiânia reivindicavam outro modo de ser e de fazer política, evidenciando a necessidade de revisão das formas clássicas de organização da esquerda brasileira. Apoiadas principalmente por estrutura marginais, as ocupações formaram uma geração por meio da experiência concreta de ação direta como ferramenta de organização e método de luta por direitos. Entende-se que a experiência das ocupações impactou profundamente a visão de mundo destas/es jovens, havendo mudança na própria concepção da escola como espaço de formação e socialização, na acepção da política e do fazer política.

Para finalizar, apresenta-se abaixo alguns depoimentos extraídos das entrevistas produzidas com as/os ocupas de Goiânia no sentido de complementar as informações, por meio da fala das/os próprias/os jovens, no que concerne às formas de organização promovidas durante as ocupações e suas consequências para suas vidas. Aurora, 23 anos (Entrevista, Goiânia, 18 e 19/06/2020), relata que: “[...] descobri(u) como fazer uma luta política na prática”, visto que as ocupações “[...] trouxe(ram) muita formação pessoal também por causa dos debates que eram feitos lá dentro sobre educação, sobre educação pública, sobre a conjuntura”. E acrescenta: “Eu comecei a entender a relação das coisas e desmandos políticos e como eles influenciam nas bases da educação e o que a gente vive dentro da educação brasileira”. Essa juventude compreende que houve um “amadurecimento político” com a perspectiva do trabalho comunitário: “[...] a gente criou um

senso de coletividade muito grande”, entende Nazária, 21 anos (Entrevista, Goiânia, 30/07/2020).

Os relatos apontam que o debate:

Era sempre em roda. A gente discutia bastante sobre organização política, sobre as vertentes que a galera queria tomar. Eram conversas feitas em roda pra poder dar voz pra todo mundo que tivesse lá. E aí as conversas também eram sobre as atividades que a gente iria fazer. Sobre quais atividades eram viáveis ou não” (Jósimo, 20 anos, Entrevista, Goiânia, 29/06/2020).

Os debates não eram isentos de controvérsias. “E eu acho que essa disputa, que esses conflitos que surgiram dentro das ocupações eram sobre como conduzir um movimento real. Só que quando esse movimento cresce, são muitas as narrativas que estão envolvidas” (Micaela, 22 anos, Entrevista, Goiânia, 17/06/2020). Todavia, o diálogo gerava resultados práticos:

A gente discutia muito educação [...] A gente tinha os aulões, a gente tinha debates [...] Aí fui nesse processo que eu fui entender o papel da educação [...] E aí conversando nesse dia a dia assim mesmo a gente foi se politizando através da educação de entender a educação como essa coisa libertadora (Hilda, 21 anos, Entrevista, Goiânia, 09/09/2019).

Neste ínterim, as/os ocupantes se envolviam diretamente nas atividades práticas:

Eu ministrei algumas oficinas dentro desse Colégio. Teve oficina de dança, que outras pessoas que eram universitárias iam para esse espaço para ministrar. Então, assim, houve diversas atividades dentro do colégio e sobre diversos temas. Tinha também aulas de reforço para os estudantes [...] foram diversas atividades que aconteceram dentro do

colégio para além da roda de conversa durante a ocupação (Pizarro, 21 anos, Entrevista, Goiânia, 26/06/2020).

A mobilização exigia a promoção de esforço coletivo e cotidiano de articulação permanente:

A gente tentou desenvolver atividades, tanto de formação política como atividades sociais. A gente tentou chamar o pessoal terceirizado da limpeza pra participar em oficinas. Teve oficina de yoga, teve oficina de autocuidado, e também teve as de formação política, a gente tentou montar espaços de debate, de formação sobre atos de rua sobre organizações, como organizar nacionalmente pra lutar contra a Emenda Constitucional 95, que até teve ato nacional em Brasília. E foi fruto também dessas formações, de a gente debater. Algumas vezes a gente tinha espontaneamente uma união de pessoas que pretendiam debater essa perspectiva política, então uma formação espontânea também ocorria, além das mesas. Nessas mesas a gente chamava professores, chamava profissionais pra fornecer essas informações pra gente (Pedro, 22 anos, Entrevista, Goiânia, 09/09/2019).

Por fim, as palavras que definem o que a ocupação em Goiânia representou para as vidas das/os entrevistadas/os são: construtivo, resistência, luta, experiência, emancipação, marca e sonho (Sofiaty, Marques, Ferreira, 2021). Trata-se de termos que retratam bem os relatos das entrevistas e expressam a perspectiva de distanciamento das instituições tradicionais da sociedade, mas que vislumbram outros modos de fazer política para além do partido ou a partir de partidos marginalizados no sistema brasileiro. Portanto, não são jovens indiferentes à sua realidade, alienadas/os do contexto no qual estão inseridas/os. São indivíduos

articulando modos de luta a partir de suas condições concretas, jovens que entenderam que é preciso praticar novos modelos de ativismo em vistas da superação da estrutura social estabelecida e em busca de outras possibilidades societárias inclusivas, igualitárias e democráticas.

## CONSIDERAÇÃO FINAL

A análise das ocupações é entendida como uma experiência concreta do uso de novas tecnologias de luta por parte das juventudes em defesas de direitos. Ao deixarem de ser ancoradouros seguros para as novas gerações, as instituições em geral foram se distanciando das juventudes, exigindo delas outras abordagens para defender seus interesses imediatos, seus sonhos possíveis. Nesse processo, o “novo” modo de ativismo é entendido como a forma de organização vislumbrada para além do estabelecido, do tradicional.

Essa unidade geracional progressista, representada pela geração das/os “ocupas”, demonstra que a/o jovem quer fazer política, mas não a política convencional. Nesse sentido, entende-se que a participação juvenil na vida pública da sociedade brasileira é bem maior do que em geral as pesquisas quantitativas conseguem identificar, sendo que os dados qualitativos da pesquisa sobre as ocupações demonstram, mesmo que de soslaio, as abundantes formas de envolvimento das juventudes por meio das ações diretas.

## REFERÊNCIAS

AGENDA JUVENTUDE BRASIL (2013). Pesquisa nacional sobre perfil e opinião dos jovens brasileiros. Brasília-DF: Secretaria Nacional da Juventude / Participatório – Observatório

## Participativo da Juventude.

CORROCHANO, Maria Carla; DOWBOR, Monika; JARDIM, Fabiana A. A. (2018). Juventudes e participação política no Brasil do século XXI: quais horizontes? In Laplage em Revista (Sorocaba), vol.4, n.1, jan.-abr., p.50-66.

COSTA, Adriana A. F.; GROPPPO, L. A. (2018) O movimento de ocupações estudantis no Brasil. São Carlos: Pedro&João.

FORACCHI, Maria M. (1972) A juventude na sociedade moderna. São Paulo: Pioneira.

GROPPPO, L. A. (2000) Juventude: ensaios sobre sociologia e história das juventudes modernas. Rio de Janeiro: Difel.

GROPPPO, L. A. (2017) Introdução à sociologia da juventude. Jundiaí: Paco.

MANNHEIM, Karl (1968). O problema da juventude na sociedade moderna. In Sociologia da Juventude I. Rio de Janeiro: Zahar.

MANNHEIM, K (1978). Funções das gerações novas. In: PEIREIRA, L.; FORACCHI, M. M. Educação e Sociedade: leituras de sociologia da educação. São Paulo: Cia. Editora Nacional, p. 91- 97.

PAIS, José M. (1993) Culturas juvenis. Lisboa: Imprensa Nacional Casa da Moeda.

PERFIL DA JUVENTUDE BRASILEIRA (2003). Projeto juventude – Pesquisa de opinião pública. São Paulo-SP: Instituto Cidadania / Fundação Perseu Abramo.

PESQUISA JUVENTUDES NO BRASIL (2021). Fundação SM. Observatório da Juventude na Ibero-america.

SILVA, Roselani, S. da; SILVA, Vini R. da (2011). Política Nacional de Juventude: Trajetórias e desafios. In Cadernos CRH, Salvador, v. 24, n. 63, p. 663-678.

SOFIATI, Flávio M.; MARQUES, José E. D. C.; FERREIRA, João R. R. (2021). Ocupações secundaristas em Goiânia: formação e experiências políticas das/os jovens. In Linhas Críticas, v. 27, p. 1-20.

SOFIATI, Flávio M.; BARBOSA, Caio H. S. (2021). Juventude e educação: a militarização das escolas em Goiás. In Educação,

46(1), e81/ 1-25.

SOFIATI, Flávio M. (2013) Juventude e políticas públicas: os governos de FHC e LULA. In: Heloisa Dias Bezerra; Sandra Maria de Oliveira. (Org.). Juventude no século XXI: dilemas e perspectivas. Goiânia-GO: Cãnone Editorial, p. 131-150

SOUZA, Alessandra M. et. al. (2016) Rodas de conversa: diálogo na construção de direitos. Participação e controle social de políticas públicas de juventudes. Goiânia: CAJUEIRO.

## Flávio Munhoz Sofiati



**D**outor em sociologia pela Universidade de São Paulo - USP e professor da Universidade Federal de Goiás - UFG, Faculdade de Ciências Sociais, Programas de Pós-graduação em Sociologia e Antropologia Social. É membro do Núcleo de Estudos de Religião “Carlos Rodrigues Brandão” - NER, do Observatório Juventudes na Contemporaneidade e do CAJUEIRO – Centro de Formação, Assessoria e Pesquisa em Juventude. É vice-presidente da Rede JUBRA – Associação Nacional Rede de Pesquisadores e Pesquisadoras da Juventude Brasileira. Atua na área de sociologia da juventude, sociologia da religião e é autor de diversos artigos, capítulos de livros e dos livros “Juventude católica: o novo discurso da Teologia da libertação” (EDUFSCar/CAJU) e “Religião e juventude: os novos carismáticos” (Ideias & Letras/FAPESP).

### NOTÍCIAS COM FLÁVIO MUNHOZ SOFIATI PUBLICADAS NO IHU

- [Juventudes e as novas expressões da participação na política, em debate no Cepat](#)

### ARTIGOS COM FLÁVIO MUNHOZ SOFIATI PUBLICADOS NO IHU

- [O franciscanismo econômico: considerações sociológicas sobre a Economia de Francisco e Clara](#)



## CADERNOS IHU IDEIAS

- N. 01 A teoria da justiça de John Rawls – José Nedel
- N. 02 O feminismo ou os feminismos: Uma leitura das produções teóricas – Edla Eggert  
O Serviço Social junto ao Fórum de Mulheres em São Leopoldo – Clair Ribeiro Ziebell e Acadêmicas Anemarie Kirsch Deutrich e Magali Beatriz Strauss
- N. 03 O programa Linha Direta: a sociedade segundo a TV Globo – Sonia Montaño
- N. 04 Ernani M. Fiori – Uma Filosofia da Educação Popular – Luiz Gilberto Kronbauer
- N. 05 O ruído de guerra e o silêncio de Deus – Manfred Zeuch
- N. 06 BRASIL: Entre a Identidade Vazia e a Construção do Novo – Renato Janine Ribeiro
- N. 07 Mundos televisivos e sentidos identitários na TV – Suzana Kilpp
- N. 08 Simões Lopes Neto e a Invenção do Gaúcho – Márcia Lopes Duarte
- N. 09 Oligopólios midiáticos: a televisão contemporânea e as barreiras à entrada – Valério Cruz Brittos
- N. 10 Futebol, mídia e sociedade no Brasil: reflexões a partir de um jogo – Édison Luis Gastaldo
- N. 11 Os 100 anos de Theodor Adorno e a Filosofia depois de Auschwitz – Márcia Tiburi
- N. 12 A domesticação do exótico – Paula Caleffi
- N. 13 Pomeranas parceiras no caminho da roça: um jeito de fazer Igreja, Teologia e Educação Popular – Edla Eggert
- N. 14 Júlio de Castilhos e Borges de Medeiros: a prática política no RS – Gunter Axt
- N. 15 Medicina social: um instrumento para denúncia – Stela Nazareth Meneghel
- N. 16 Mudanças de significado da tatuagem contemporânea – Débora Krischke Leitão
- N. 17 As sete mulheres e as negras sem rosto: ficção, história e trivialidade – Mário Maestri
- N. 18 Um itinerário do pensamento de Edgar Morin – Maria da Conceição de Almeida
- N. 19 Os donos do Poder, de Raymundo Faoro – Helga Iracema Ladgraf Piccolo
- N. 20 Sobre técnica e humanismo – Oswaldo Giacóia Junior
- N. 21 Construindo novos caminhos para a intervenção societária – Lucilda Selli
- N. 22 Física Quântica: da sua pré-história à discussão sobre o seu conteúdo essencial – Paulo Henrique Dionísio
- N. 23 Atualidade da filosofia moral de Kant, desde a perspectiva de sua crítica a um solipsismo prático – Valério Rohden
- N. 24 Imagens da exclusão no cinema nacional – Miriam Rossini
- N. 25 A estética discursiva da tevê e a (des)configuração da informação – Nísia Martins do Rosário
- N. 26 O discurso sobre o voluntariado na Universidade do Vale do Rio dos Sinos – UNISINOS – Rosa Maria Serra BavareSCO
- N. 27 O modo de objetivação jornalística – Beatriz Alcaraz Marocco
- N. 28 A cidade afetada pela cultura digital – Paulo Edison Belo Reyes
- N. 29 Prevalência de violência de gênero perpetrada por companheiro: Estudo em um serviço de atenção primária à saúde – Porto Alegre, RS – José Fernando Dresch Kronbauer
- N. 30 Getúlio, romance ou biografia? – Juremir Machado da Silva
- N. 31 A crise e o êxodo da sociedade salarial – André Gorz
- N. 32 À meia luz: a emergência de uma Teologia Gay – Seus dilemas e possibilidades – André Sidnei Musskopf
- N. 33 O vampirismo no mundo contemporâneo: algumas considerações – Marcelo Pizarro Noronha
- N. 34 O mundo do trabalho em mutação: As reconfigurações e seus impactos – Marco Aurélio Santana
- N. 35 Adam Smith: filósofo e economista – Ana Maria Bianchi e Antonio Tiago Loureiro Araújo dos Santos

- N. 36 Igreja Universal do Reino de Deus no contexto do emergente mercado religioso brasileiro: uma análise antropológica – Airton Luiz Jungblut
- N. 37 As concepções teórico-analíticas e as proposições de política econômica de Keynes – Fernando Ferrari Filho
- N. 38 Rosa Egípcia: Uma Santa Africana no Brasil Colonial – Luiz Mott
- N. 39 Malthus e Ricardo: duas visões de economia política e de capitalismo – Gentil Corazza
- N. 40 Corpo e Agenda na Revista Feminina – Adriana Braga
- N. 41 A (anti)filosofia de Karl Marx – Leda Maria Paulani
- N. 42 Veblen e o Comportamento Humano: uma avaliação após um século de “A Teoria da Classe Ociosa” – Leonardo Monteiro Monasterio
- N. 43 Futebol, Mídia e Sociabilidade. Uma experiência etnográfica – Édison Luis Gastaldo, Rodrigo Marques Leistner, Ronei Teodoro da Silva e Samuel McGinity
- N. 44 Genealogia da religião. Ensaio de leitura sistemática de Marcel Gauchet. Aplicação à situação atual do mundo – Gérard Donnadieu
- N. 45 A realidade quântica como base da visão de Teilhard de Chardin e uma nova concepção da evolução biológica – Lothar Schäfer
- N. 46 “Esta terra tem dono”. Disputas de representação sobre o passado missionário no Rio Grande do Sul: a figura de Sepé Tiaraju – Ceres Karam Brum
- N. 47 O desenvolvimento econômico na visão de Joseph Schumpeter – Achyles Barcellos da Costa
- N. 48 Religião e elo social. O caso do cristianismo – Gérard Donnadieu
- N. 49 Copérnico e Kepler: como a terra saiu do centro do universo – Geraldo Monteiro Sigaud
- N. 50 Modernidade e pós-modernidade – luzes e sombras – Evilázio Teixeira
- N. 51 Violências: O olhar da saúde coletiva – Élda Azevedo Hennington e Stela Nazareth Meneghel
- N. 52 Ética e emoções morais – Thomas Kesselring
- N. 53 Juízos ou emoções: de quem é a primazia na moral? – Adriano Naves de Brito
- N. 54 Computação Quântica. Desafios para o Século XXI – Fernando Haas
- N. 54 Atividade da sociedade civil relativa ao desarmamento na Europa e no Brasil – An Vranckx
- N. 55 Terra habitável: o grande desafio para a humanidade – Gilberto Dupas
- N. 56 O decrescimento como condição de uma sociedade convivial – Serge Latouche
- N. 57 A natureza da natureza: auto-organização e caos – Günter Küppers
- N. 58 Sociedade sustentável e desenvolvimento sustentável: limites e possibilidades – Hazel Henderson
- N. 59 Globalização – mas como? – Karen Gloy
- N. 60 A emergência da nova subjetividade operária: a sociabilidade invertida – Cesar Sanson
- N. 61 Incidente em Antares e a Trajetória de Ficção de Erico Veríssimo – Regina Zilberman
- N. 62 Três episódios de descoberta científica: da caricatura empirista a uma outra história – Fernando Lang da Silveira e Luiz O. Q. Peduzzi
- N. 63 Negações e Silenciamentos no discurso acerca da Juventude – Cátia Addressa da Silva
- N. 64 Getúlio e a Gira: a Umbanda em tempos de Estado Novo – Artur Cesar Isaia
- N. 65 Darcy Ribeiro e o O povo brasileiro: uma alegoria humanista tropical – Léa Freitas Perez
- N. 66 Adoecer: Morrer ou Viver? Reflexões sobre a cura e a não cura nas reduções jesuítico-guaranis (1609-1675) – Eliane Cristina Deckmann Fleck
- N. 67 Em busca da terceira margem: O olhar de Nelson Pereira dos Santos na obra de Guimarães Rosa – João Guilherme Barone
- N. 68 Contingência nas ciências físicas – Fernando Haas

- N. 69 A cosmologia de Newton – Ney Lemke  
N. 70 Física Moderna e o paradoxo de Zenon – Fernando Haas  
N. 71 O passado e o presente em Os Inconfidentes, de Joaquim Pedro de Andrade – Miriam de Souza Rossini  
N. 72 Da religião e de juventude: modulações e articulações – Léa Freitas Perez  
N. 73 Tradição e ruptura na obra de Guimarães Rosa – Eduardo F. Coutinho  
N. 74 Raça, nação e classe na historiografia de Moysés Vellinho – Mário Maestri  
N. 75 A Geologia Arqueológica na Unisinos – Carlos Henrique Nowatzki  
N. 76 Campesinato negro no período pós-abolição: repensando Coronelismo, enxada e voto – Ana Maria Lugão Rios  
N. 77 Progresso: como mito ou ideologia – Gilberto Dupas  
N. 78 Michael Aglietta: da Teoria da Regulação à Violência da Moeda – Octavio A. C. Conceição  
N. 79 Dante de Laytano e o negro no Rio Grande Do Sul – Moacyr Flores  
N. 80 Do pré-urbano ao urbano: A cidade missioneira colonial e seu território – Arno Alvarez Kern  
N. 81 Entre Canções e versos: alguns caminhos para a leitura e a produção de poemas na sala de aula – Gláucia de Souza  
N. 82 Trabalhadores e política nos anos 1950: a ideia de “sindicalismo populista” em questão – Marco Aurélio Santana  
N. 83 Dimensões normativas da Bioética – Alfredo Culleton e Vicente de Paulo Barretto  
N. 84 A Ciência como instrumento de leitura para explicar as transformações da natureza – Attico Chassot  
N. 85 Demanda por empresas responsáveis e Ética Concorrencial: desafios e uma proposta para a gestão da ação organizada do varejo – Patrícia Almeida Ashley  
N. 86 Autonomia na pós-modernidade: um delírio? – Mario Fleig  
N. 87 Gauchismo, tradição e Tradicionalismo – Maria Eunice Maciel  
N. 88 A ética e a crise da modernidade: uma leitura a partir da obra de Henrique C. de Lima Vaz – Marcelo Perine  
N. 89 Limites, possibilidades e contradições da formação humana na Universidade – Laurício Neumann  
N. 90 Os índios e a História Colonial: lendo Cristina Pompa e Regina Almeida – Maria Cristina Bohn Martins  
N. 91 Subjetividade moderna: possibilidades e limites para o cristianismo – Franklin Leopoldo e Silva  
N. 92 Saberes populares produzidos numa escola de comunidade de catadores: um estudo na perspectiva da Etnomatemática – Daiane Martins Bocasanta  
N. 93 A religião na sociedade dos indivíduos: transformações no campo religioso brasileiro – Carlos Alberto Steil  
N. 94 Movimento sindical: desafios e perspectivas para os próximos anos – Cesar Sanson  
N. 95 De volta para o futuro: os precursores da nanotecnociência – Peter A. Schulz  
N. 96 Vianna Moog como intérprete do Brasil – Enildo de Moura Carvalho  
N. 97 A paixão de Jacobina: uma leitura cinematográfica – Marinês Andrea Kunz  
N. 98 Resiliência: um novo paradigma que desafia as religiões – Susana Maria Rocca Larrosa  
N. 99 Sociabilidades contemporâneas: os jovens na lan house – Vanessa Andrade Pereira  
N. 100 Autonomia do sujeito moral em Kant – Valerio Rohden  
N. 101 As principais contribuições de Milton Friedman à Teoria Monetária: parte 1 – Roberto Camps Moraes  
N. 102 Uma leitura das inovações bio(nano)tecnológicas a partir da sociologia da ciência – Adriano Premebida  
N. 103 ECODI – A criação de espaços de convivência digital virtual no contexto dos processos de ensino e aprendizagem em metaverso – Eliane Schlemmer

- N. 104 As principais contribuições de Milton Friedman à Teoria Monetária: parte 2 – Roberto Camps Moraes
- N. 105 Futebol e identidade feminina: um estudo etnográfico sobre o núcleo de mulheres gremistas – Marcelo Pizarro Noronha
- N. 106 Justificação e prescrição produzidas pelas Ciências Humanas: Igualdade e Liberdade nos discursos educacionais contemporâneos – Paula Corrêa Henning
- N. 107 Da civilização do segredo à civilização da exibição: a família na vitrine – Maria Isabel Barros Bellini
- N. 108 Trabalho associado e ecologia: vislumbrando um ethos solidário, terno e democrático? – Telmo Adams
- N. 109 Transumanismo e nanotecnologia molecular – Celso Candido de Azambuja
- N. 110 Formação e trabalho em narrativas – Leandro R. Pinheiro
- N. 111 Autonomia e submissão: o sentido histórico da administração – Yeda Crusius no Rio Grande do Sul – Mário Maestri
- N. 112 A comunicação paulina e as práticas publicitárias: São Paulo e o contexto da publicidade e propaganda – Denis Gerson Simões
- N. 113 Isto não é uma janela: Flusser, Surrealismo e o jogo contra – Esp. Yentl Delanhesi
- N. 114 SBT: jogo, televisão e imaginário de azar brasileiro – Sonia Montão
- N. 115 Educação cooperativa solidária: perspectivas e limites – Carlos Daniel Baioto
- N. 116 Humanizar o humano – Roberto Carlos Fávero
- N. 117 Quando o mito se torna verdade e a ciência, religião – Róber Freitas Bachinski
- N. 118 Colonizando e descolonizando mentes – Marcelo Dascal
- N. 119 A espiritualidade como fator de proteção na adolescência – Luciana F. Marques e Débora D. Dell'Aglio
- N. 120 A dimensão coletiva da liderança – Patrícia Martins Fagundes Cabral e Nedio Seminotti
- N. 121 Nanotecnologia: alguns aspectos éticos e teológicos – Eduardo R. Cruz
- N. 122 Direito das minorias e Direito à diferenciação – José Rogério Lopes
- N. 123 Os direitos humanos e as nanotecnologias: em busca de marcos regulatórios – Wilson Engelmann
- N. 124 Desejo e violência – Rosane de Abreu e Silva
- N. 125 As nanotecnologias no ensino – Solange Binotto Fagan
- N. 126 Câmara Cascudo: um historiador católico – Bruna Rafaela de Lima
- N. 127 O que o câncer faz com as pessoas? Reflexos na literatura universal: Leo Tolstói – Thomas Mann – Alexander Soljenitsin – Philip Roth – Karl-Josef Kuschel
- N. 128 Dignidade da pessoa humana e o direito fundamental à identidade genética – Ingo Wolfgang Sarlet e Selma Rodrigues Petterle
- N. 129 Aplicações de caos e complexidade em ciências da vida – Ivan Amaral Guerrini
- N. 130 Nanotecnologia e meio ambiente para uma sociedade sustentável – Paulo Roberto Martins
- N. 131 A philia como critério de inteligibilidade da mediação comunitária – Rosa Maria Zaia Borges Abrão
- N. 132 Linguagem, singularidade e atividade de trabalho – Marlene Teixeira e Éderson de Oliveira Cabral
- N. 133 A busca pela segurança jurídica na jurisdição e no processo sob a ótica da teoria dos sistemas sociais de Nicklass Luhmann – Leonardo Grison
- N. 134 Motores Biomoleculares – Ney Lemke e Luciano Hennemann
- N. 135 As redes e a construção de espaços sociais na digitalização – Ana Maria Oliveira Rosa
- N. 136 De Marx a Durkheim: Algumas apropriações teóricas para o estudo das religiões afro-brasileiras – Rodrigo Marques Leister
- N. 137 Redes sociais e enfrentamento do sofrimento psíquico: sobre como as pessoas reconstróem suas vidas – Breno Augusto Souto Maior Fontes
- N. 138 As sociedades indígenas e a economia do dom: O caso dos guaranis – Maria Cristina Bohn Martins

- N. 139 Nanotecnologia e a criação de novos espaços e novas identidades – Marise Borba da Silva
- N. 140 Platão e os Guarani – Beatriz Helena Domingues
- N. 141 Direitos humanos na mídia brasileira – Diego Airoso da Motta
- N. 142 Jornalismo Infantil: Apropriações e Aprendizagens de Crianças na Recepção da Revista Recreio – Greyce Vargas
- N. 143 Derrida e o pensamento da desconstrução: o redimensionamento do sujeito – Paulo Cesar Duque-Estrada
- N. 144 Inclusão e Biopolítica – Maura Corcini Lopes, Kamila Lockmann, Morgana Domênica Hattge e Viviane Klaus
- N. 145 Os povos indígenas e a política de saúde mental no Brasil: composição simétrica de saberes para a construção do presente – Bianca Sordi Stock
- N. 146 Reflexões estruturais sobre o mecanismo de REDD – Camila Moreno
- N. 147 O animal como próximo: por uma antropologia dos movimentos de defesa dos direitos animais – Caetano Sordi
- N. 148 Avaliação econômica de impactos ambientais: o caso do aterro sanitário em Canoas-RS – Fernanda Schutz
- N. 149 Cidadania, autonomia e renda básica – Josué Pereira da Silva
- N. 150 Imagética e formações religiosas contemporâneas: entre a performance e a ética – José Rogério Lopes
- N. 151 As reformas político-econômicas pombalinas para a Amazônia: e a expulsão dos jesuítas do Grão-Pará e Maranhão – Luiz Fernando Medeiros Rodrigues
- N. 152 Entre a Revolução Mexicana e o Movimento de Chiapas: a tese da hegemonia burguesa no México ou “por que voltar ao México 100 anos depois” – Claudia Wasserman
- N. 153 Globalização e o pensamento econômico franciscano: Orientação do pensamento econômico franciscano e Caritas in Veritate – Stefano Zamagni
- N. 154 Ponto de cultura teko arandu: uma experiência de inclusão digital indígena na aldeia kaiowá e guarani Te'yikue no município de Caarapó-MS – Neimar Machado de Sousa, Antonio Brand e José Francisco Sarmento
- N. 155 Civilizar a economia: o amor e o lucro após a crise econômica – Stefano Zamagni
- N. 156 Intermitências no cotidiano: a clínica como resistência inventiva – Mário Francis Petry Londero e Simone Mainieri Paulon
- N. 157 Democracia, liberdade positiva, desenvolvimento – Stefano Zamagni
- N. 158 “Passemos para a outra margem”: da homofobia ao respeito à diversidade – Omar Lucas Perrou Fortes de Sales
- N. 159 A ética católica e o espírito do capitalismo – Stefano Zamagni
- N. 160 O Slow Food e novos princípios para o mercado – Eriberto Nascente Silveira
- N. 161 O pensamento ético de Henri Bergson: sobre As duas fontes da moral e da religião – André Brayner de Farias
- N. 162 O modus operandi das políticas econômicas keynesianas – Fernando Ferrari Filho e Fábio Henrique Bittes Terra
- N. 163 Cultura popular tradicional: novas mediações e legitimações culturais de mestres populares paulistas – André Luiz da Silva
- N. 164 Será o decrescimento a boa nova de Ivan Illich? – Serge Latouche
- N. 165 Agostos! A “Crise da Legalidade”: vista da janela do Consulado dos Estados Unidos em Porto Alegre – Carla Simone Rodeghero
- N. 166 Convivialidade e decrescimento – Serge Latouche
- N. 167 O impacto da plantação extensiva de eucalipto nas culturas tradicionais: Estudo de caso de São Luis do Paraitinga – Marcelo Henrique Santos Toledo
- N. 168 O decrescimento e o sagrado – Serge Latouche
- N. 169 A busca de um ethos planetário – Leonardo Boff
- N. 170 O salto mortal de Louk Hulsman e a desinstitucionalização do ser: um convite ao abolicionismo – Marco Antonio de Abreu Scapini

- N. 171 Sub specie aeternitatis – O uso do conceito de tempo como estratégia pedagógica de religação dos saberes – Gerson Egas Severo
- N. 172 Theodor Adorno e a frieza burguesa em tempos de tecnologias digitais – Bruno Pucci
- N. 173 Técnicas de si nos textos de Michel Foucault: A influência do poder pastoral – João Roberto Barros II
- N. 174 Da mônada ao social: A intersubjetividade segundo Levinas – Marcelo Fabri
- N. 175 Um caminho de educação para a paz segundo Hobbes – Lucas Mateus Dalsotto e Everaldo Cescon
- N. 176 Da magnitude e ambivalência à necessária humanização da tecnociência segundo Hans Jonas – Jelson Roberto de Oliveira
- N. 177 Um caminho de educação para a paz segundo Locke – Odair Camati e Paulo César Nodari
- N. 178 Crime e sociedade estamental no Brasil: De como la ley es como la serpiente; solo pica a los descalzos – Lenio Luiz Streck
- N. 179 Um caminho de educação para a paz segundo Rousseau – Mateus Boldori e Paulo César Nodari
- N. 180 Limites e desafios para os direitos humanos no Brasil: entre o reconhecimento e a concretização – Afonso Maria das Chagas
- N. 181 Apátridas e refugiados: direitos humanos a partir da ética da alteridade – Gustavo Oliveira de Lima Pereira
- N. 182 Censo 2010 e religiões: reflexões a partir do novo mapa religioso brasileiro – José Rogério Lopes
- N. 183 A Europa e a ideia de uma economia civil – Stefano Zamagni
- N. 184 Para um discurso jurídico-penal libertário: a pena como dispositivo político (ou o direito penal como “discurso-limite”) – Augusto Jobim do Amaral
- N. 185 A identidade e a missão de uma universidade católica na atualidade – Stefano Zamagni
- N. 186 A hospitalidade frente ao processo de reassentamento solidário aos refugiados – Joseane Mariéle Schuck Pinto
- N. 187 Os arranjos colaborativos e complementares de ensino, pesquisa e extensão na educação superior brasileira e sua contribuição para um projeto de sociedade sustentável no Brasil – Marcelo F. de Aquino
- N. 188 Os riscos e as loucuras dos discursos da razão no campo da prevenção – Luis David Castiel
- N. 189 Produções tecnológicas e biomédicas e seus efeitos produtivos e prescritivos nas práticas sociais e de gênero – Marlene Tamanini
- N. 190 Ciência e justiça: Considerações em torno da apropriação da tecnologia de DNA pelo direito – Claudia Fonseca
- N. 191 #VEMpraRUA: Outono brasileiro? Leituras – Bruno Lima Rocha, Carlos Gadea, Giovanni Alves, Giuseppe Cocco, Luiz Werneck Vianna e Rudá Ricci
- N. 192 A ciência em ação de Bruno Latour – Leticia de Luna Freire
- N. 193 Laboratórios e Extrações: quando um problema técnico se torna uma questão sociotécnica – Rodrigo Ciconet Dornelles
- N. 194 A pessoa na era da biopolítica: autonomia, corpo e subjetividade – Heloisa Helena Barboza
- N. 195 Felicidade e Economia: uma retrospectiva histórica – Pedro Henrique de Moraes Campetti e Tiago Wickstrom Alves
- N. 196 A colaboração de Jesuítas, Leigos e Leigas nas Universidades confiadas à Companhia de Jesus: o diálogo entre humanismo evangélico e humanismo tecnocientífico – Adolfo Nicolás
- N. 197 Brasil: verso e reverso constitucional – Fábio Konder Comparato
- N. 198 Sem-religião no Brasil: Dois estranhos sob o guarda-chuva – Jorge Claudio Ribeiro
- N. 199 Uma ideia de educação segundo Kant: uma possível contribuição para o século XXI – Felipe Bragagnolo e Paulo César Nodari

- N. 200 Aspectos do direito de resistir e a luta social por moradia urbana: a experiência da ocupação Raízes da Praia – Natalia Martinuzzi Castilho
- N. 201 Desafios éticos, filosóficos e políticos da biologia sintética – Jordi Maiso
- N. 202 Fim da Política, do Estado e da cidadania? – Roberto Romano
- N. 203 Constituição Federal e Direitos Sociais: avanços e recuos da cidadania – Maria da Glória Gohn
- N. 204 As origens históricas do racionalismo, segundo Feyerabend – Miguel Ângelo Flach
- N. 205 Compreensão histórica do regime empresarial-militar brasileiro – Fábio Konder Comparato
- N. 206 Sociedade tecnológica e a defesa do sujeito: Technological society and the defense of the individual – Karla Saraiva
- N. 207 Territórios da Paz: Territórios Produtivos? – Giuseppe Cocco
- N. 208 Justiça de Transição como Reconhecimento: limites e possibilidades do processo brasileiro – Roberta Camineiro Baggio
- N. 209 As possibilidades da Revolução em Ellul – Jorge Barrientos-Parra
- N. 210 A grande política em Nietzsche e a política que vem em Agamben – Márcia Rosane Junges
- N. 211 Foucault e a Universidade: Entre o governo dos outros e o governo de si mesmo – Sandra Caponi
- N. 212 Verdade e História: arqueologia de uma relação – José D’Assunção Barros
- N. 213 A Relevante Herança Social do Pe. Amstad SJ – José Odello Schneider
- N. 214 Sobre o dispositivo. Foucault, Agamben, Deleuze – Sandro Chignola
- N. 215 Repensar os Direitos Humanos no Horizonte da Libertação – Alejandro Rosillo Martínez
- N. 216 A realidade complexa da tecnologia – Alberto Cupani
- N. 217 A Arte da Ciência e a Ciência da Arte: Uma abordagem a partir de Paul Feyerabend – Hans Georg Flickinger
- N. 218 O ser humano na idade da técnica – Humberto Galimberti
- N. 219 A Racionalidade Contextualizada em Feyerabend e suas Implicações Éticas: Um Paralelo com Alasdair MacIntyre – Halina Macedo Leal
- N. 220 O Marquês de Pombal e a Invenção do Brasil – José Eduardo Franco
- N. 221 Neurofuturos para sociedades de controle – Timothy Lenoir
- N. 222 O poder judiciário no Brasil – Fábio Konder Comparato
- N. 223 Os marcos e as ferramentas éticas das tecnologias de gestão – Jesús Conill Sancho
- N. 224 O restabelecimento da Companhia de Jesus no extremo sul do Brasil (1842-1867) – Luiz Fernando Medeiros Rodrigues
- N. 225 O grande desafio dos indígenas nos países andinos: seus direitos sobre os recursos naturais – Xavier Albó
- N. 226 Justiça e perdão – Xabier Etxeberria Mauleon
- N. 227 Paraguai: primeira vigilância massiva norte-americana e a descoberta do Arquivo do Terror (Operação Condor) – Martín Almada
- N. 228 A vida, o trabalho, a linguagem. Biopolítica e biocapitalismo – Sandro Chignola
- N. 229 Um olhar biopolítico sobre a bioética – Anna Quintanas Feixas
- N. 230 Biopoder e a constituição étnico-racial das populações: Racialismo, eugenia e a gestão biopolítica da mestiçagem no Brasil – Gustavo da Silva Kern
- N. 231 Bioética e biopolítica na perspectiva hermenêutica: uma ética do cuidado da vida – Jesús Conill Sancho
- N. 232 Migrantes por necessidade: o caso dos senegaleses no Norte do Rio Grande do Sul – Dirceu Benincá e Vânia Aguiar Pinheiro
- N. 233 Capitalismo biocognitivo e trabalho: desafios à saúde e segurança – Elsa Cristine Bevia
- N. 234 O capital no século XXI e sua aplicabilidade à realidade brasileira – Róber Iturriet Avila & João Batista Santos Conceição
- N. 235 Biopolítica, raça e nação no Brasil (1870-1945) – Mozart Linhares da Silva
- N. 236 Economias Biopolíticas da Dívida – Michael A. Peters

- N. 237 Paul Feyerabend e Contra o Método: Quarenta Anos do Início de uma Provocação – Halina Macedo Leal
- N. 238 O trabalho nos frigoríficos: escravidão local e global? – Leandro Inácio Walter
- N. 239 Brasil: A dialética da dissimulação – Fábio Konder Comparato
- N. 240 O irrepresentável – Homero Santiago
- N. 241 O poder pastoral, as artes de governo e o estado moderno – Castor Bartolomé Ruiz
- N. 242 Uma crise de sentido, ou seja, de direção – Stefano Zamagni
- N. 243 Diagnóstico Socioterritorial entre o chão e a gestão – Dirce Koga
- N. 244 A função-educador na perspectiva da biopolítica e da governamentalidade neoliberal – Alexandre Filordi de Carvalho
- N. 245 Esquecer o neoliberalismo: aceleração como terceiro espírito do capitalismo – Moisés da Fontoura Pinto Neto
- N. 246 O conceito de subsunção do trabalho ao capital: rumo à subsunção da vida no capitalismo biocognitivo – Andrea Fumagalli
- N. 247 Educação, indivíduo e biopolítica: A crise do governo – Dora Lilia Marín-Díaz
- N. 248 Reinvenção do espaço público e político: o individualismo atual e a possibilidade de uma democracia – Roberto Romano
- N. 249 Jesuítas em campo: a Companhia de Jesus e a questão agrária no tempo do CLACIAS (1966-1980) – Iraneidson Santos Costa
- N. 250 A Liberdade Vigliada: Sobre Privacidade, Anonimato e Vigilantismo com a Internet – Pedro Antonio Dourado de Rezende
- N. 251 Políticas Públicas, Capitalismo Contemporâneo e os horizontes de uma Democracia Estrangeira – Francini Lube Guizardi
- N. 252 A Justiça, Verdade e Memória: Comissão Estadual da Verdade – Carlos Frederico Guazzelli
- N. 253 Reflexões sobre os espaços urbanos contemporâneos: quais as nossas cidades? – Vinícius Nicastro Honesko
- N. 254 Ubuntu como ética africana, humanista e inclusiva – Jean-Bosco Kakozi Kashindi
- N. 255 Mobilização e ocupações dos espaços físicos e virtuais: possibilidades e limites da reinvenção da política nas metrópoles – Marcelo Castañeda
- N. 256 Indicadores de Bem-Estar Humano para Povos Tradicionais: O caso de uma comunidade indígena na fronteira da Amazônia Brasileira – Luiz Felipe Barbosa Lacerda e Luis Eduardo Acosta Muñoz
- N. 257 Cerrado. O laboratório antropológico ameaçado pela desterritorialização – Altair Sales Barbosa
- N. 258 O impensado como potência e a desativação das máquinas de poder – Rodrigo Karmy Bolton
- N. 259 Identidade de Esquerda ou Pragmatismo Radical? – Moisés Pinto Neto
- N. 260 Itinerários versados: redes e identizações nas periferias de Porto Alegre? – Leandro Rogério Pinheiro
- N. 261 Fugindo para a frente: limites da reinvenção da política no Brasil contemporâneo – Henrique Costa
- N. 262 As sociabilidades virtuais glocalizadas na metrópole: experiências do ativismo cibernético do grupo Direitos Urbanos no Recife – Breno Augusto Souto Maior Fontes e Davi Barboza Cavalcanti
- N. 263 Seis hipóteses para ler a conjuntura brasileira – Sauro Bellezza
- N. 264 Saúde e igualdade: a relevância do Sistema Único de Saúde (SUS) – Stela N. Meneghel
- N. 265 Economia política aristotélica: cuidando da casa, cuidando do comum – Armando de Melo Lisboa
- N. 266 Contribuições da teoria biopolítica para a reflexão sobre os direitos humanos – Aline Albuquerque
- N. 267 O que resta da ditadura? Estado democrático de direito e exceção no Brasil – Giuseppe Tosi
- N. 268 Contato e improvisação: O que pode querer dizer autonomia? – Alana Moraes de Souza

- N. 269 A perversão da política moderna: a apropriação de conceitos teológicos pela máquina governamental do Ocidente – Osiel Lourenço de Carvalho
- N. 270 O campo de concentração: Um marco para a (bio) política moderna – Viviane Zarembski Braga
- N. 271 O que caminhar ensina sobre o bem-viver? Thoreau e o apelo da natureza – Flavio Williges
- N. 272 Interfaces da morte no imaginário da cultura popular mexicana – Rafael Lopez Villasenor
- N. 273 Poder, persuasão e novos domínios da(s) identidade(s) diante do(s) fundamentalismo(s) religioso(s) na contemporaneidade brasileira – Celso Gabatz
- N. 274 Tarefa da esquerda permanece a mesma: barrar o caráter predatório automático do capitalismo – Acauam Oliveira
- N. 275 Tendências econômicas do mundo contemporâneo – Alessandra Smerilli
- N. 276 Uma crítica filosófica à teoria da Sociedade do Espetáculo em Guy Debord – Atilio Machado Peppe
- N. 277 O Modelo atual de Capitalismo e suas formas de Captura da Subjetividade e de Exploração Social – José Roque Junges
- N. 278 Da esperança ao ódio: Juventude, política e pobreza do lulismo ao bolsonarismo – Rosana Pinheiro-Machado e Lucia Mury Scalco
- N. 279 O mal-estar na cultura medicamentalizada – Luis David Castiel
- N. 280 Mistérios da economia (divina) e do ministério (angélico). Quando a teologia fornece um paradigma para a filosofia política e esta retroage à teologia – Alain Gignac
- N. 281 A Campanha da Legalidade e a radicalização do PTB na década de 1960. Reflexos no contexto atual – Mário José Maestri Filho
- N. 282 A filosofia moral de Adam Smith face às leituras reducionistas de sua obra: ensaio sobre os fundamentos do indivíduo egoísta contemporâneo – Angela Ganem
- N. 283 Vai, malandra. O despertar ontológico do planeta fome – Armando de Melo Lisboa
- N. 284 Renda básica em tempos difíceis – Josué Pereira da Silva
- N. 285 Isabelle Stengers No tempo das catástrofes. Quinze questões e um artifício sobre a obras – Ricardo de Jesus Machado
- N. 286 O “velho capitalismo” e seu fôlego para dominação do tempo e do espaço – Luiz Gonzaga Belluzzo
- N. 287 A tecnologia na vida cotidiana e nas instituições: Heidegger, Agamben e Sloterdijk – Itamar Soares Veiga
- N. 288 Para arejar a cúpula do judiciário – Fábio Konder Comparato
- N. 289 A Nova Previdência via de transformação estrutural da seguridade social brasileira – Marilinda Marques Fernandes
- N. 290 A Universidade em busca de um novo tempo – Prof. Dr. Pe. Pedro Gilberto Gomes
- N. 291 Tributação, políticas públicas e propostas fiscais do novo governo – Róber Iturriet Avila e Mário Lúcio Pedrosa Gomes Martins
- N. 292 As identidades Chiquitanas em perigo nas fronteiras – Aloir Pacini
- N. 293 Mudança de paradigma pós-crise do coronavírus – Fábio Carlos Rodrigues Alves
- N. 294 O Mar da Unidade: roteiro livre para a leitura do Masnavi de Rûmî – Faustino Teixeira
- N. 295 Função social da propriedade e as tragédias socioambientais de Mariana e Brumadinho: Um constitucionalismo que não é para valer – Cristiano de Melo Bastos
- N. 296 O desassossego do leitor: subjetividades juvenis e leitura na contemporaneidade – Maria Isabel Mendes de Almeida
- N. 297 Escatologias tecnopolíticas contemporâneas – Ednei Genaro
- N. 298 Narrativa de uma Travessia – Faustino Teixeira
- N. 299 Efeito covid-19: espaço liso e Bem Viver– Wallace Antonio Dias Silva
- N. 300 Zeitgeist pós-iluminista e contrarrevolução cientificista na análise econômica– Armando de Melo Lisboa

- N. 301 Educação, tecnologias 4.0 e a estetização ilimitada da vida: pistas para uma crítica curricular– Roberto Rafael Dias da Silva
- N. 302 Mídia, infância e socialização: perspectivas contemporâneas - Renata Tomaz
- N. 303 A colonialidade do poder no direito à cidade: a experiência do Cais Mauá de Porto Alegre - Karina Macedo Gomes Fernandes
- N. 304 Ártico, o canário da mina para o aquecimento global - Flavio Marcelo de Mattos Paim
- N. 305 A transformação dos atores sociais em produção e recepção: trajeto empírico-metodológico de uma pesquisa - Aline Weschenfelder
- N. 306 Impactos Ambientais de Parques Eólicos no Semiárido Baiano: do licenciamento atual a novas perspectivas - Rosana Batista Almeida
- N. 307 História de José, O Carpinteiro, como narratividade de Esperança - Patrik Bruno Furquim dos Santos
- N. 308 Violências, injustiças e sofrimento humano: o impacto das desigualdades sociais nas percepções de Martín-Baró, Ricoeur e Nietzsche - Lina Faria e Rafael Andrés Patino
- N. 309 Catadores de materiais recicláveis: novos sujeitos de direitos na construção da sustentabilidade ambiental - Mariza Rios e Giovanna Rodrigues de Assis
- N. 310 A imagem do pobre nos filmes de Pasolini e Glauber como chave para compreender a ação do capitalismo - Vladimir Lacerda Santafé
- N. 311 Aprendizados no campo da metodologia de orientação acadêmica - Faustino Teixeira
- N. 312 O Desespero Inconsciente de Kierkegaard: melancolia, preguiça, vertigem e suicídio - Paulo Abe
- N. 313 Os Direitos Humanos como parâmetro para as democracias contemporâneas: o caso brasileiro - José Dalvo Santiago da Cruz
- N.314 Algoritmização da vida: a nova governamentalização das condutas - Castor M.M. Bartolomé Ruiz
- N. 315 Capital e ideologia de Thomas Piketty: um breve guia de leitura - Alexandre Alves
- N. 316 "Ecologia com espírito dentro": sobre Povos Indígenas, Xamanismo e Antropoceno - Nicole Soares Pinto
- N. 317 A chacinagem dos chiquitanos - Aloir Pacini e Loyuá Ribeiro F. M. da Costa
- N. 318 Mestre Eckhart: Deus se faz presente enquanto ausência de imagens e de privilégios - Matteo Raschiatti
- N. 319 Indígenas nas cidades: memórias "esquecidas" e direitos violados - Alenice Baeta
- N. 320 Pindó Poty é Guarani! - Roberto Antonio Liebgott e Aloir Pacini
- N. 321 Desbravar o Futuro. A antropotecnologia e os horizontes da hominização a partir do pensamento de Peter Sloterdijk - Rodrigo Petronio
- N. 322 A Trajetória Metodológica Suscitadora de Jesús Martín-Barbero - Alberto Efendy Maldonado Gómez de la Torre
- N. 323 O capitalismo de crise: lógicas e estratégias de dominação - Luiz Inácio Gaiger
- N. 324 O trabalho humano no magistério do Papa Francisco - André Langer
- N. 325 Uma discussão acerca da liberdade da consciência humana: convergências e divergências entre Kierkegaard e Lutero - Heloisa Allgayer e Rafael Francisco Hiller
- N. 326 Técnica e Ética no contexto atual - Oswaldo Giacoia Junior
- N. 327 O amor ao próximo como categoria ética em Simone Weil - Ana Lúcia Guterres Dias
- N. 328 Uma abordagem da filosofia de Miki Kiyoshi - Fernando Wirtz
- N. 329 Yuval Noah Harari: pensador das eras humanas - Rodrigo Petronio
- N. 330 O Mundo é um grande Olho que vemos e que nos vê - José Angel Quintero Weir
- N. 331 A indecente hermenêutica bíblica de Clarice Lispector - João Melo e Silva Junior

 UNISINOS